

# IDOSOS INCLUÍDOS NO UNIVERSO DIGITAL

## - uma proposta de alfabetização digital –

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Fraiman

Estas minhas considerações nascem inspiradas por um trabalho acadêmico<sup>(1)</sup> realizado pelas colegas Maristela Compagnoni Vieira e Dra. Lucila Maria Costi Santarosa, desenvolvido em meio ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Logo que li o resumo deste estudo, que ‘analisa as motivações, necessidades e interesses de idosos com relação ao uso de tecnologias como o computador e a Internet’ (sic), observei que as autoras abordaram aspectos nucleares daquilo que neste momento passo a veicular em minha pré-campanha para Vereadora: futuramente: um mecanismo social, uma lei municipal, que faculte o uso extensivo e mais amplamente difundido destes recursos técnicos por parte dos idosos.

Verifico na minha experiência diária que os mais velhos e os ainda não tão velhos, se batem com os equipamentos elétricos e eletrônicos. A começar, dentro das próprias casas! Quem não fica chamando neto, neta à toda hora, para aprender a dar um comando simples, mas que para nós, que já temos mais idade, é ‘um bicho de sete cabeças’?

Eu mesma já solicitei a presença de um técnico de tevê de última geração, para que viesse o mais rápido possível, ‘consertar’ o que nem eu, nem meu marido conseguíamos! Nós queríamos, simplesmente assistir à televisão da sala e nenhum dos dois sabia dar os comandos para ligar a bendita televisão! Como, o que havia acontecido?! Não entendíamos porque, da noite para o dia a tela ficara escura e nem som fazia E mais! Não chovera na noite anterior! Assistimos a um filme, tudo certo, tudo funcionando. Ao clarear do dia, desejando tomar o café com as notícias da manhã, nada acontecia. Mexemos de tudo quanto era jeito, apertamos todos os botões, pegamos os manuais dos controles... Nada.

Minha conclusão: perdemos a conexão! Sem sinal! Um vai buscar a nota fiscal e o certificado de garantia. O outro se larga no sofá apertando de novo todos os comandos, aleatoriamente, feito louco! Ou a televisão veio com defeito ou foi um de nós que mexeu onde não devia. Daí para as acusações mútuas, meio passo. Um aperta daqui, outro dali... Aperta de qualquer jeito! Quase começou uma brigar feia entre nós. *Mas eu falei para você não mexer! Mas eu não mexi! Fui dormir antes de você! Não, quem saiu da sala por último foi... Quem foi, mesmo?* Porque um ligou e outro desligou ao mesmo tempo, essas rugas de velhos rabugentos que se toleram a milhares de anos.

### **A quem recorrer para sanar a de falta de conhecimento**

Filho viajando, filha trabalhando o dia todo, netos na escola, ali ficamos de pé plantados, dois idosos desconsolados, já pensando em quem iria levar para a oficina, em que dia, considerar rodízio etc e tal e, com certeza, já fazendo as

contas de quanto nos custaria o conserto daquele bizarro defeito. Com neto a coisa é braba. Eles vêm, em três segundos já sabem o que fazer. Ó, vô, é *assim*. São tão velozes que não dá tempo de acompanhar onde colocam seus dedinhos. *Peraí! Onde você apertou? Faz pr'eu ver*. Que nada. Eles já devolvem o controle, com olhar de 'e o que é que eu tenho a ver com isso?!'. Fazer eles fazem e voam para o outro canto das nossas casas. Querendo afastar neto de perto da gente é só ficar perguntando '*qual comando eu dou?*'. Eles se mandam para longe. Ou mergulham em velocidade supersônica em seus *ipods*, *tablets* ou o que valha.

É, também, o que acontece quando nas discussões sobre política, à mesa do jantar, nossas opiniões divergem das deles! Nos tempos lá de trás, bem se dizia: - *Assim como gosto não se discute, futebol, política e beleza não se põem à mesa!* Eu havia me esquecido deste sábio conselho. E querem saber? Também já chamei técnico de computador para apertar um único botãozinho que me ajudaria a restabelecer a conexão com a *internet!* E eu sem conseguir usar meu computador por quatro dias a fio! Bem, o rapaz sorriu e não cobrou pela visitinha. Tomou café comigo, levou consigo duas bolachinhas e pronto. Mas agora não é o caso de me estender nisso.

Retorno ao estudo que me inspirou. Continuei pesquisando e pensando e, pensando e pesquisando. Uma boa parte das notícias veiculadas sobre a participação de idosos no tocante ao uso das novas tecnologias e computação, alardeia um grande acréscimo de usuários. Quando se vai ver, as amostras são muito pequenas.

Segundo pesquisa realizada pelo IBGE<sup>(2)</sup>, de 2008 para 2013, o percentual de idosos que acessam a *internet* passou de 5,7% para 12,6%. Agora observem as mudanças na distribuição das faixas etárias, especialmente entre os anos 2000 e 2020. Procurem um pouquinho mais adiante as 4 pirâmides que ilustram o que eu falo, digo, escrevo agora. Mantenham o foco nas idades de 60 anos e mais, representadas pelas quatro faixas (retângulos) no topo das pirâmides. De 2000 para o ano 2016, onde nos encontramos hoje, o que aconteceu? O número de idosos praticamente dobrou, já a partir dos 60 anos de idade. Então, o uso da *internet* haveria de dobrar, naturalmente.

Repare que, em relação às quatro figuras a seguir, nas duas pirâmides na parte de baixo (referentes aos anos de 2000 e de 2020) os retângulos superiores vão ficando bem mais estendidos (a representação gráfica do número de pessoas com 60 anos e mais vai 'engordando') e os demais, que se referem às idades mais jovens, vão 'emagrecendo'. Isso significa que a população de idosos está aumentando rapidamente, em velocidade maior que a de crianças e jovens, que vai diminuindo.

Podemos supor, então, que as faixas etárias superiores vão ganhando participação de adultos que 'já sabiam' lidar com computador antes de chegarem aos 60! Então, não são programas massivos de educação digital. Os idosos aprendem, mesmo, depois dos 60. Muitos, por vontade própria, as Faculdades da Maturidade também estimulam que o façam. Mas o tal 'número que dobrou entre os idosos, não aconteceu em relação aos que foram desenvolver uma nova

competência, buscando se alfabetizar na linguagem dos computadores, mas porque, conforme as pessoas de 40 vão envelhecendo, elas vão sendo computadas como incremento nas faixas mais velhas. Parece óbvio mas, não é.

Percebam que, de 1980 até 2020 a região 'da cintura da pirâmide, como que engordou'? A parte mais cheinha, a dos jovens, vai subindo e se constituindo na parte dos adultos, na pirâmide seguinte. Em, relação a 'saber lidar com o computador', eles levaram junto consigo este saber maravilhoso. Os adultos que também tiveram que aprender a lidar com computadores em seus estudos e no trabalhando, foi levando para cima, para o topo da pirâmide, um conhecimento já adquirido. Daí que, por certo, aumentou significativamente o número de idosos que se utiliza de computador com vários objetivos e por inúmeros motivos. Mas ainda são poucos os idosos de 60 ou mais que usam o computador e sabem que botão apertar frente ao televisor.

### **Políticas públicas de inclusão de idosos no universo digital**

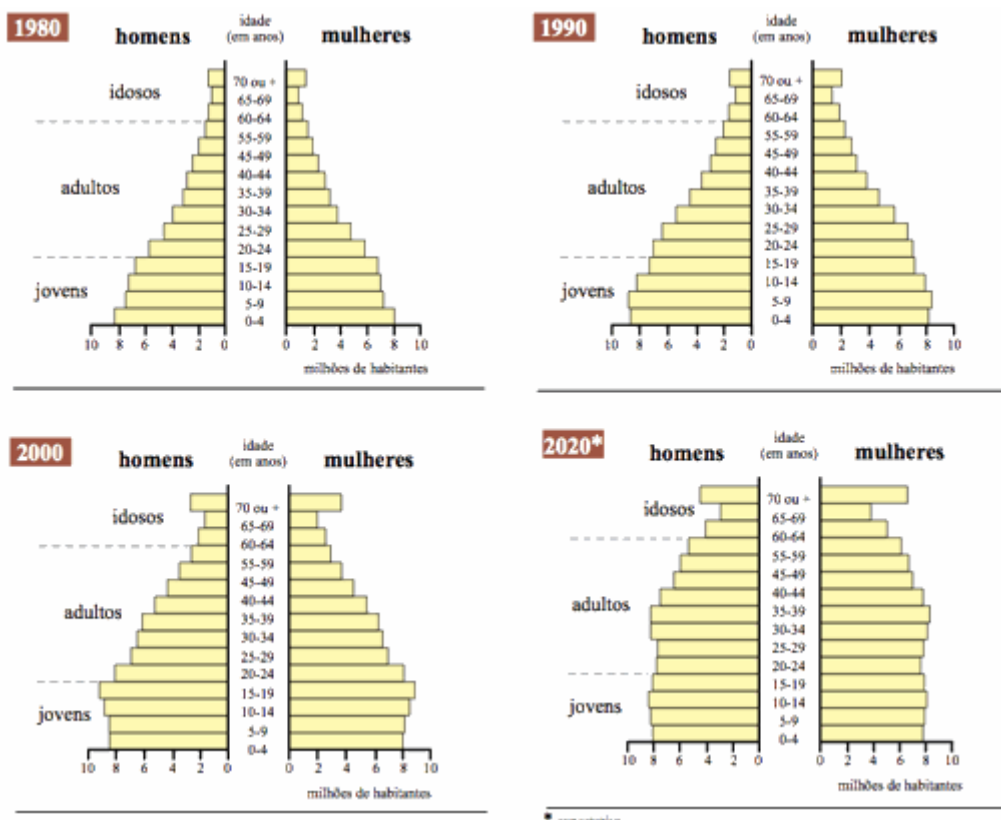
Há políticas focadas nas crianças. Nos jovens. Nas favelas, um dos maiores estressores, na visão dos jovens, é quando cai a rede! Eles ficam doidos! Jovem adora viver conectado. Quase todos estão com problemas na cervical, de tanto ficam de cabeça baixa teclando e teclando e teclando. Eles conversam com a pessoa do lado pelos celulares! Mas, não há nenhuma, mas nenhuma estatística mesmo, que nos conte quantas pessoas, com sessenta anos de idade e mais, entraram para estudar computação e sabem utilizar a maioria dos recursos que os celulares nos oferecem.

Os idosos vão sim, aprender em escolas especializadas, com professores particulares, nos cursos das faculdades da maturidade e da terceira idade, nos projetos sociais. Desculpem-me, meus amigos, ousou afirmar que o acréscimo de idosos que foram alfabetizados, instruídos para lidar bem com computadores, não se deve, nem se deveu a uma política pública de inserção, que contemple a alfabetização digital. Desconheço a existência de política pública continuada – pode ser que haja, mas desconheço – uma política consistente, inclusiva, em nível municipal, estadual ou nacional, tenha dirija seus esforços para capacitar pessoas, de qualquer extrato social, independente de renda, de escolaridade e de região. Neste sentido, jamais se pensou globalmente nem ensinou qualquer ação local de modo definitivo.

### **Não se trata somente de computação, mas da tecnologia no dia a dia**

Simplesmente não sabemos quantos idosos já sabem 'lidar bem' com esta nova linguagem. Usar computador e resolver problemas simples com seus aparelhos domésticos de televisão, fornhos eletrônicos, fogões e geladeiras, máquinas de fotografar etc Quem conhece e se utiliza, com desenvoltura, os recursos de uma casa inteligente?! Só sabemos que os mais velhos não sabem aproveitar tudo aquilo que os aparelhos e aplicativos nos oferecem. Eu, por exemplo, não sei utilizar nem 20% dos recursos de um celular de última linha. Mas pago pelos cem por cento ao adquiri-lo.

Para ajudar a entender um pouco mais da falácia contida nos informes e pesquisas alardeadas, como se já houvésssemos solucionado o grave problema da analfabetização digital, valho-me de figura selecionada e copiada de outra fonte, muito rica em questões sobre o envelhecimento populacional, o *site* de Fernando Nogueira Costa<sup>(3)</sup>, que dentre tantos outros elementos, publica a distribuição da população brasileira por faixas etárias e as transformações que vêm ocorrendo em nosso país:



Vou comentar a seguir, o que estas figuras nos revelam, mas antes quero configurar situações bastante dinâmicas e vivenciais da parte de nós, idosos. Assim como meus coetâneos, sou do tempo do 'tijolão', um celular pesado e enorme que mal cabia no bolso da gente. E que servia só para fazer/receber ligações telefônicas. Já nos maravilhava.

### Computador não se aprende vendo, mas fazendo

Uma boa parte dos meus amigos tão velhos (ôps, idosos?) ou ainda mais velhos do que eu, continua com esta mesma necessidade: só falar. E ouvir, claro. Outros já tiram fotos, mas não sabem enviar nem armazenar. Não sabem baixa-las do celular para um computador regular. *Tablet* na jogada? Nem pensar. Como estes aparelhos todos 'se conversam?!' Um espanto. Os próprios conceitos são outros. Aparelho não conversa, envia dados. Que dados, onde eles ficam guardados? Não, não ficam guardados. Ficam nas nuvens! Isso é conversa de doido, pensam eles. Tenho amigas e primas que pagam aula de computação e permanecem

sentadas ao lado do professor, da professora, simplesmente *vendo* os movimentos das mãos, mas nem se atrevem a tentar qualquer coisa, sem o dito professor por perto.

Para aprender qualquer detalhe a mais, de como funcionam os aparelhos, recorremos aos jovens gentis, que trabalham na área. A gente entra numa das lojas ou nalguma assistência técnica, pergunta o que deseja saber e eles, pacientemente, explicam. Mas só quando os estabelecimentos estão vazios, porque às vezes a espera é longa, até sermos atendidos. Quando é assim, eles nos pedem para voltarmos noutro dia. Agora, não se queira aprender mais de uma operação. Não dá. Temos que aprender e treinar e treinar e treinar, tal como fazíamos na escola: conta, mais conta, mais conta, até acertar o resultado. Daí que nos inibimos, mesmo, de voltar logo no dia seguinte.

Nossa inibição não depende, reafirmo, não depende das nossas capacidades mentais de compreender, refletir, criticar, comparar, criar, lembrar e tantas outras mais. Eu sei, porque faço parte dessa legião de ‘mais velhos’. Leio e escrevo com a maior facilidade. Domino o nosso idioma e mais outros cinco, pelo menos. Consigo debater e expor teorias complicadas para aqueles que nunca estudaram, mas sempre quiseram estudar. Muita curiosidade, muitos anseios foram deixados para trás. Psicologia, filosofia, física e matemática. Latim! Sabe o que esquecemos? Como fazer cálculos complexos, ‘tipo’ logaritmo e derivada. E esquecemos porque não entendemos para que se prestavam, então, deixamos para lá.

### **Não é falta de inteligência: falta de aquisição e de treino da nova linguagem**

Consigo entender e interpretar resultados de pesquisa no que tange (mais uma palavra que eu gosto, mas que caiu em desuso, ‘tange’) às estatísticas e amostragens referidas e aos vieses encontrados. Mas não sei fazer coisas, digo operações, muito mais simples que bem me serviriam, tais como: como baixar um aplicativo para isso ou aquilo, o que fazer para chamar um taxi, comida pronta, compras pelo celular, programar o pagamento das minhas contas, realizar transferências e fazer aplicações bancárias pelo celular.

Quando aprendi comecei a baixar aplicativos a torto e a direito. Só que, a velocidade diminuiu e eu achei que o aparelho estava estragado. É que os aplicativos ocupam espaço (que espaço é este que eu não vejo?!) e a capacidade de armazenamento de dados se esgota. E eu não sabia que precisaria ter comprado mais memória *antes* de apagarem-se por completo, todas as fotos dos meus quatro últimos anos de vida pessoal, familiar e social. Eu teria que ter baixado antes, mas não baixei! Não liberei espaço, o celular travou e pronto. Perdi tudo. Senti-me uma tonta. Não, na verdade, uma idiota!

E se não existe curso que ensine?! Nós, os mais velhos, precisamos ser pacientemente ensinados e treinados para saber usar a nova tecnologia. E sem nos sentirmos envergonhados por não saber. Idosos necessitam de treino e de supervisão constante, por um bom tempo. Se não, aprendemos com o moço da loja e, chegando em casa, vamos tentar e não sabemos repetir os comandos!

Também a maioria dos idosos não se 'atira'. Ou melhor, não se atreve, tal como os jovens, que 'fuçam' tudo e descubrem por conta própria. Acreditamos até que eles já nascem sabendo.

### **Uma pedagogia para a inclusão dos mais velhos**

Sem treino para nos familiarizarmos, deixamos de tentar e tudo isso dá impressão de ser 'um bicho de sete cabeças'. Chega a dar medo. Ficamos envergonhados, nos sentimos ultrapassados. E é preciso uma pedagogia diferenciada, para estimular e acompanhar os mais velhos em seus anseios de aprender. Não se trata do que as escolas de informática querem ensinar, de modo padronizado. Mas daquilo que nós, os mais velhos queremos e precisamos aprender. Queremos, sim, saber utilizar as novas tecnologias, o computador e tudo mais que vier pela frente. Queremos, sim, saber o que se passa no mundo atual, em que 'o futuro' já está acontecendo e as transformações já estão se instalando, pressionando todos a desenvolver novas capacidades e competências, se não quisermos ficar para trás. É preciso que apliquemos uma nova pedagogia, direcionada aos idosos: a gerontogogia, palavra que ainda nem consta dos dicionários, mas que já existe.

Idosos do mundo inteiro sentem-se humilhados por não saberem lidar bem com o universo das novas tecnologias, um mundo globalmente conectado, que cabe na palma das nossas mãos. A vergonha paralisa. Idosos não-alfabetizados sofrem de vergonha e de medo. Fomos criados sob grandes admoestações: a ordem era 'não mexe aí, você vai quebrar!' e este comando continua instalado em nossas mentes. É preciso uma didática toda própria que nos livre deste embaraço. Filhos não são bons professores neste quesito, logo perdem a paciência. Ou não têm tempo. E netos são inquietos demais para acompanhar a gestão que os mais velhos fazem de seu próprio tempo, que contempla e acolhe a hesitação e a lerdiceza frente a um enorme desafio: se dispor a aprender uma nova linguagem muito mais complexa do que foi com o antigo bê-á-bá e, o gosto crescente por boas leituras.

### **De volta à academia**

Quero, neste momento, retornar ao trabalho acadêmico de minhas colegas lá do Sul. Elas foram brilhantes ao captar as falas dos idosos com quem trabalharam em sua pesquisa, quando lhes foi perguntado dos motivos que os levaram a se interessar a ingressar neste novo universo da alfabetização digital.

Retomo aquilo que as pesquisadoras apresentaram em seu trabalho, para que cada leitor possa melhor apreciar essa temática e, se minhas palavras e ideias couberem a algum idoso ainda digitalmente analfabeto e, portanto, sob alto risco de exclusão social (preciso reforçar o quanto é importante ser alfabetizado?!), que repense sua postura de recusa a penetrar este novo mundo.

Considero, igualmente importante, que os filhos e netos ajudem seus pais e avós a vencerem seus medos, por vezes beirando ao pânico, de ligar um computador ou usar um celular.

Os idosos contaram às pesquisadoras o que os levou a tomar gosto pelo uso do computador. Em primeiro lugar, surgiram depoimentos sobre desejarem sentir-se socialmente incluídos e pertencentes, participantes ativos da sociedade atual. Também, para se comunicarem com familiares e amigos pela *internet*.

Apontaram para alguns aspectos do envelhecimento contemporâneo como: utilização das tecnologias como alternativa para tentar diminuir o sentimento de solidão (principalmente entre as mulheres), bem como haver, por parte de alguns, necessidade de atualização tecnológica para uso profissional. Aqueles idosos, dizem elas, que nasceram e cresceram em uma sociedade com relativa estabilidade, têm mais conflitos e dificuldades ao lidar com as novas máquinas e com as novas tecnologias. Convivem menos com tudo isso, em seu dia a dia. Não tiveram, também, chances e oportunidades de fazê-lo, em seu trabalho.

### **Os cidadãos analógicos e os cidadãos digitais**

Acresço o fato de que hoje, pode-se detectar duas novas categorias de cidadãos: os analógicos e os digitais. Os primeiros desenvolveram esquemas mentais profundamente diferentes dos segundos. O modo de pensar, de buscar soluções, de fazer as coisas colide entre essas duas categorias. O tempo, também, é vivido e dimensionado diferentemente. A velocidade das comunicações, os meios, as palavras, todo esse novo modo de pensar, de ser e de agir em nada se assemelha à educação recebida. É como se os mais velhos tivessem que se liberar de tudo aquilo que já sabiam e que lhes trazia sensação de segurança, para entrar num mundo absolutamente estranho e perturbador. Sentem-se, obviamente, mais resistentes e inseguros.

Alguns deles têm dificuldades de leitura na vertical e numa tela branca. Ou mesmo, não conseguem digitar ou permanecer por muito tempo sentados numa cadeira dura. Uma boa parte não adota uma postura correta e doem-lhes as costas. E, também não têm dinheiro para comprar uma cadeira ergométrica, mais adequada para si, inclusive em virtude de considerarem que utilizarão o computador por pouco tempo, ao longo do dia. Outros já apresentam perdas sensoriais evidentes, tremores e redução da atenção e da memória de trabalho. Quase tudo se apresenta a eles como sérios obstáculos.

Então, porque eles se entusiasmiavam por aprender uma nova linguagem, em se alfabetizar? Eles sabem, que cada vez mais sentir-se-ão apartados da vida social e cultural. Mas sentem medo. E a gerontogogia não se resume em ensinar como fazer as coisas e mostrar como será bem para eles, idosos, se alfabetizarem digitalmente, mas também em ajuda-los a vencer os medos, as inibições e as vergonhas que carregam consigo por tempo demasiado. Para isso é preciso trabalhar sua autoestima, sua autoimagem, sua atualização e reconquistar sua autoconfiança para poderem empreender esta nova jornada.

Professores que saibam ensinar desta nova forma?! Hello?! Onde estão vocês?! Por favor, se apresentem. Vamos organizar uma força-tarefa, vamos desenhar um novo projeto de ensino, que contemple a alfabetização digital e funcional dos idosos. É um dos projetos que tenho em mente transformar em lei, que pretendo apresentar para a cidade de São Paulo, caso seja eleita vereadora. E, se não for, irei atrás, da mesma maneira. Afinal, estou empossada Presidente Nacional do PSDC – Família e Idoso. Entrei por este caminho para trabalhar por uma necessidade premente. Em cinco anos e, não mais, quem não souber lidar bem com as novas tecnologias perderá em capacidades básicas de se comunicar com as novas gerações: filhos, netos e bisnetos. Então, vivermos mais porém, isolados em nosso mundinho analógico?!

Convido pessoas, grupos, escolas, faculdades e empresas a se interessarem mais pelo assunto e, se possível, se apresentarem, como parceiros voluntários e solidários.

---

#### Referências teóricas

- (1) [http://www.niee.ufrgs.br/eventos/SBIE/2009/conteudo/artigos/completos/61684\\_1.pdf](http://www.niee.ufrgs.br/eventos/SBIE/2009/conteudo/artigos/completos/61684_1.pdf) (maricompagnoni@gmail.com, [lucila.santarosa@terra.com.br](mailto:lucila.santarosa@terra.com.br))
- (2) <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2015/05/numero-de-idosos-que-usam-internet-dobrou-em-5-anos-diz-pesquisa>
- (3) <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2010/12/16/piramide-etaria-brasileira/>